

A SINTAXE NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS – ANÁLISE E DEBATE: UM DIÁLOGO COM O ENSINO

Pâmela da SILVA; Michaela Andréa Bette CAMARA, Vânia Carmem LIMA.
Universidade Federal de Goiás – UFG – Campus Jataí – CAJ.
pamelakluk@hotmail.com; macamara2@gmail.com; vaniacarmem@yahoo.com.br

Palavras-Chave: Sintaxe; Ensino; Livro Didático; Formação de professores.

1 JUSTIFICATIVA / BASE TEÓRICA

Este projeto de pesquisa analisa o modo como o livro didático Tudo é linguagem, de 5ª a 9ª séries, adotado no ano de 2010, na rede pública de ensino, da cidade de Jataí-GO, aborda a sintaxe, de forma a compreender os pressupostos teóricos que sustentam tal abordagem. Sabe-se que o livro didático é o principal instrumento de trabalho do professor, e considerando a sua carga horária excessiva e a baixa remuneração, ele dispõe de pouco tempo para planejar as atividades em sala, já que, visando a um salário melhor, deve percorrer várias escolas. Assim, o livro didático acaba por ser o preponderante em sala de aula, cabendo-lhe o papel de direcionar as atividades do professor. Daí a pertinência dessa pesquisa.

Investigar as propostas que traz o livro didático para o trabalho de sintaxe nesses níveis de ensino traz à reflexão questões tais como: o que ensinar, para quem ensinar, por que ensinar e para que se ensinar, conforme postula Geraldini (1985), que serão problematizadas durante a pesquisa. Considerando a escola como agenciadora do ensino e como o espaço por excelência de elevação do grau de letramento do aluno, conforme Koch (1984), torna-se necessária a análise das propostas do livro didático destinado a esse público, vez que o aluno do ensino público deverá estar em igualdade de condições com os demais que aqui não se incluem, se se quer uma escola verdadeiramente democrática.

Vê-se, pois, que é preciso que os professores façam, conscientes, suas opções teóricas, em consonância com as metodologias de ensino e os fins da sua ação pedagógica, de acordo com Travaglia (2001). Nesse sentido, *ter uma concepção clara sobre os processos de aprendizagem pode ditar o comportamento diário do professor de língua em sala* (Possenti, p.24, 1996). Assim, se o professor oferece aos alunos exercícios repetitivos, de preenchimento de espaços, de

identificação e classificação estará ele, queira ou não, seguindo uma concepção de aquisição de conhecimento que não vê diferenças significativas entre a aprendizagem realizada por homens e por animais.

Geralmente, quando se propõe atividades de sintaxe aos alunos, o que se vê é um trabalho orientado pelos preceitos da gramática normativa, conforme Travaglia (2001). Este tipo de gramática estuda apenas os fatos da língua padrão, em geral, os fatos da língua escrita, dando pouca importância à variedade oral da norma culta. Assim, as atividades de sintaxe se restringem a identificar e nominalizar termos, no eixo sintagmático da língua, considerando como “erro” tudo aquilo que foge ao padrão estabelecido. Nesse sentido, o trabalho com a língua, que deveria se pautar no uso que se faz dela, suas variedades e os diferentes efeitos de sentido oriundos dos usos e situações de interação, acaba por priorizar e até se limitar *ao falar sobre a língua*, alijando os alunos do processo de comunicação e interação por meio dela.

2 OBJETIVOS

2.1 OBEJTIVO GERAL

Investigar o modo como o Livro Didático aborda a sintaxe da língua, considerando o fato de que os sujeitos da aprendizagem são falantes nativos da língua, de forma a analisar as propostas de trabalho com a Sintaxe no livro didático, os pressupostos teóricos que as fundamentam e suas implicações no ensino da língua e, ainda, promover um diálogo com professores de 6^a a 9^a séries sobre a sintaxe no livro didático adotado na escola e suas experiências pedagógicas enquanto formadores de sujeitos usuários da língua tanto na instância pública quanto privada.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar os tipos de atividades sintáticas propostas no livro didático e suas implicações para o desenvolvimento da competência linguístico-discursiva do aluno;
- Discutir com os professores de Língua Portuguesa de 5^a a 9^a séries a pertinência das propostas de trabalho com a sintaxe no livro didático, seus pressupostos e possibilidades de reelaboração, permitindo-lhes reconhecer a

flexibilidade da sintaxe do Português e as possibilidades dos diferentes efeitos de sentido dela decorrentes.

3 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de cunho bibliográfico, cujo corpus constitui-se de quatro séries (6^a a 9^a) do livro didático –Tudo é Linguagem, adotado na rede pública de ensino, em Jataí - Go. A pesquisa consta de duas etapas principais. Na primeira, far-se-á uma análise de cada volume do livro didático no que tange à abordagem da sintaxe, quando serão observadas as propostas por ele veiculadas, seus pressupostos teóricos e suas implicações no ensino de Língua Portuguesa, cujo objeto de estudo é a linguagem e público alvo os falantes nativos. Essa pesquisa não se fará solitária, mas solidária a uma aluna bolsista cursando, hoje, o 7º período do curso de Letras, habilitação Português e a uma técnica-administrativa, e cujo resultado servirá à reflexão e redimensionamento das aulas de Sintaxe do Português, hoje por mim ministradas, além de servir de temática para a reflexão sobre o ensino de língua materna no nível fundamental, 6º ao 9º anos.

A segunda etapa constará de um encontro com os professores de Língua Portuguesa da rede pública, que adotam o livro Tudo é Linguagem. Nesse encontro far-se-ão a análise e discussão das propostas do livro, referentes à sintaxe.

Ainda nessa etapa, o professor poderá reelaborar as atividades inadequadas do livro didático, tendo em vista os seus objetivos e finalidades do ensino. Para isso é preciso que o professor faça de maneira consciente suas opções teóricas, através das quais pode-se propor atividades aos alunos, que atinjam seus objetivos e finalidades.

4 RESULTADOS/DISCUSSÃO

Analisando as propostas dos livros didáticos do 6º, 7º e 8º anos, relativas ao trabalho com a sintaxe, verificamos os seguintes pontos que merecem ser discutidos:

Há predominância de propostas de atividades de classificação e identificação de termos, sem, contudo, levar o aluno a refletir sobre os efeitos de sentidos do uso desses termos numa situação discursiva dada. Existem propostas de uso de adjetivos antes e depois de substantivos, atentando para a mudança de significação da expressão em função desse deslocamento. Vê-se que não se fala

em efeitos de sentidos, mas de alteração de significação, o que pressupõe o sentido imanente e não os efeitos de sentido, em uma perspectiva discursiva. Percebe-se, assim, que os volumes trabalham a sintaxe fundamentados, principalmente, na gramática normativa, de acordo com a primeira concepção de linguagem, segundo a qual a linguagem é o espelho e a expressão do pensamento.

Embora os volumes proponham um trabalho com a língua (usos e reflexão), as atividades subsequentes não se fundam nessa máxima, reduzindo-se à perspectiva apenas da conceituação e classificação dos termos gramaticais.

Pode-se verificar, por essa forma de abordagem, que esses elementos se apresentam de forma fixa e ordenada, quando, na verdade, esses termos podem se apresentar de forma variável ou até mesmo lacunar, dependendo do intuito do enunciador e das condições de produção da linguagem. Desse modo, os livros didáticos em análise concebem a língua como homogênea e lógica, quando, na verdade, a língua é heterogênea e não exata.

Ao trabalhar os termos gramaticais, da maneira como se propõem os livros analisados, verifica-se que as atividades silenciam a sua funcionalidade, desconsiderando a incompletude e a heterogeneidade da língua, capaz de produzir diferentes efeitos de sentido, dependendo do objetivo da interação verbal, da situação discursiva em questão, das condições de produção.

Nesse sentido, os livros didáticos analisados trabalham a sintaxe apenas na perspectiva estrutural, e não na perspectiva discursiva, quando se procura compreender a sintaxe não somente do âmbito das regras gramaticais, mas também no âmbito textual, para o que concorrem os fatores de textualidade.

Em síntese, pelo que até o momento analisamos, verifica-se que os livros didáticos não se fundamentam na terceira concepção de linguagem, qual seja, a linguagem como processo de interação, pois deixam à margem de suas atividades de ensino as condições de produção da linguagem, e a sua dimensão discursiva, bem como os atores do contexto de interação

5 CONCLUSÃO

Analisando as atividades propostas pelos livros analisados, verifica-se que o foco principal a ser cobrado do aluno recai sobre o trabalho com a metalinguagem, segundo o que preceitua a gramática normativa, em detrimento da gramática reflexiva, que se fundamenta na terceira concepção de linguagem.

Sabemos, entretanto, que a língua materna é usada em forma de textos, sejam eles orais ou escritos, o que as atividades propostas pelos livros não o fizeram. Márcia Mendonça (2006) salienta bem essa questão, ao falar da aquisição da linguagem a partir da produção de sentidos em textos que se situam em contexto de interação, e não da palavra isolada. Segundo ela, mesmo quando a criança pronuncia ainda algumas palavras, ela está produzindo discurso, pois o importante é a interação com o outro, o que justifica seu desejo de aprender a falar e a escrever. Vê-se, portanto, que o livro didático está na contramão do que afirma a autora, pois desconsidera a natureza da linguagem, qual seja, inteirar-se com o outro. Este aliás, deveria ser o pressuposto básico para o ensino e aprendizagem de língua. Assim, ao contrário do que apregoam os teóricos que trabalham a língua e da própria perspectiva que adotamos neste trabalho, os textos que subsidiaram o trabalho com a linguagem serviram apenas como pretexto para se trabalhar a gramática, desconsiderando, pois, todo o processo textual-discursivo do qual participam locutor, interlocutor e condições de produção da linguagem.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Ensino fundamental- terceiro e quarto ciclos.** Brasília, 1999.

GERALDI, L. W. (org.) **O texto na sala de aula: leitura e produção.** Cascavel, Assoeste, 1985.

KOCH, I.G.V. **Argumentação e Linguagem.** São Paulo, Cortez, 1984.

NEVES, M.H.M. **Que gramática estudar na escola. Norma e uso na Língua Portuguesa.** 2 ed.- São Paulo: contexto, 2004.

ORLANDI, E.P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** Campinas, Pontes, 1987.

TRAVAGLIA. L.C. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de 1 e 2 graus.** 6 ed. – São Paulo: Cortez, 2001.